

## Opinião do GLOBO

## Solidariedade a vítimas no RS é exemplo para o país

Num Brasil polarizado, é auspicioso que lideranças políticas tenham deixado as desavenças de lado

**O** desastre que atinge o Rio Grande do Sul exige respostas à altura da tragédia. Com 336 dos 497 municípios gaúchos em estado de calamidade pública, centros urbanos submersos, cidades isoladas, infraestrutura comprometida e milhares de moradores sem água e luz, não pode haver espaço para burocracia ou desentendimento que dificultem a assistência às vítimas e a reconstrução.

Por isso tem sido comvente o movimento de solidariedade que se espalhou pelo Brasil, com doações e iniciativas de toda sorte para levar alívio à população atingida. Foi também *journé* a união de forças dos três Poderes para ajudar os gaúchos. No domingo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva viajou para o RS numa comitiva que incluiu os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), o ministro Edson Faria, do Supremo Tribunal Federal, o presidente do Tribunal de Contas da União, Bruno Dantas, o comandante do Exército, general Tomás Paiva, além de vários ministros de Estado.

Pode-se argumentar que é esperado autoridades comparecerem a áreas

afetadas por desastres —especialmente em ano eleitoral. Mas, num país às voltas com um clima tóxico de polarização, não deixa de ser auspicioso. O mutirão dá mais agilidade a decisões que envolvem diferentes níveis de governo. E mostra que eventuais divergências entre os participantes não serão empecilho para fazer o que precisa ser feito. Situação semelhante já aconteceu com as chuvas no Litoral Norte de São Paulo em fevereiro do ano passado. Sinal de amadurecimento.

Seria oportuno que se aproveitasse a força-tarefa com autoridades da República para discutir também a necessidade de planejamento e orçamento robusto para ações de prevenção às chuvas. Como mostrou reportagem do GLOBO, enquanto os fenômenos climáticos extremos se tornaram mais frequentes e intensos, as verbas federais para combate a desastres diminuíram. Em 2014, foram destinados ao setor o equivalente a R\$ 7,8 bilhões (em valores corrigidos). Para este ano, estão previstos R\$ 2,6 bilhões.

Diante da calamidade no Sul, o governo federal prometeu que liberará recursos extraordinários. Mas são ações emergenciais. O combate a

inundações e deslizamentos exige medidas de médio e longo prazo, como obras de contenção de encosta, dragagem de rios, reassentamento de famílias, reforço de sistemas de defesa civil etc. Daí a necessidade de um orçamento consistente, que não fique à mercê das intempéries.

Além de recursos, o país necessita de planos nacionais, estaduais e municipais para desastres. Não há como impedir que rios transbordem, mas é possível retirar moradores das áreas vulneráveis antes que eles tenham de ir para o telhado implorar por um resgate incerto. Lula disse ter cobrado da ministra Marina Silva (Meio Ambiente) um plano de prevenção de desastres para que o governo "pare de correr atrás da desgraça". É preocupante que só agora tenha percebido isso.

Os prejuízos no Sul são incalculáveis. O governador Eduardo Leite (PSDB) afirmou que o estado precisará ser reconstruído. Só quando as águas baixarem será possível ter a dimensão exata do tamanho do estrago. A julgar pelas imagens de destruição, o trabalho será longo e custoso. Ao menos a convergência entre os três Poderes poderá torná-lo mais ágil, o que não é pouco.

**M**adonna deixou tonterceres e querda brasileiras, e a dança calculada oficialmente em Copacabana potendo po que vibrou com os a vendo neles atitudes afrontavam os reacionários, e a exibição de alizaram com a exibição

A extrema direita viu no pretexto para atacar seu oponente demoníaco, líder que queria destruir os valores verde e amarelo, mais que o país que tão bem a acolheu. Ser o resgate de um símbolo questrado pela direita brasileira Jorge Seif foi a Copacabana que pediu desculpas.

Provavelmente a emissão de mandar uma mensagem ao Brasil. Os recentes

Se ela representa a variedade de gestos ousados e mensagens

## Artigos

[globo.globo.com/opinião/participa/globo.com.br](http://globo.globo.com/opinião/participa/globo.com.br)

Merval  
Pereira

## Madonna e a polarização

**M**adonna deixou tontas tanto a direita quanto a esquerda brasileiras. A esquerda viu naquela multidão calculada oficialmente em 1,6 milhão de pessoas em Copacabana potenciais eleitores, ao mesmo tempo que vibrou com os arruinhos sexuais de Madonna, vendo neles atitudes políticas progressistas que afrontavam os reacionários direitistas que se escandalizaram com a exibição.

A extrema direita viu na exuberância de Madonna um pretexto para atacar seus fãs, considerando-a repressora da liberdade sexual. Já a extrema esquerda, liderada por uma teórica satânica que existe para destruir os valores do mundo ocidental. O uso do verde e amarelo, mais que uma singela homenagem ao país que tão bem a acolhe há mais de 30 anos, passou a ser o resgate de um símbolo nacional que havia sido esquecido pela direita bolsonarista. O senador bolsonarista Jorge Seif foi a Copacabana com a mulher. Foi tão criticado que pediu desculpas.

Provavelmente a emissora (Madonna) não tinha a intenção de mandar uma mensagem contra Bolsonaro ou a favor de Lula. Os receptores (o público em geral) podem ter recebido a mensagem de maneira equivocada, tirando de lá um recado político que não estava explícito. Ou melhor o recado explícito era outro, a favor das liberdades individuais, marca da sua carreira. Em meio a esse debate ensinamos, decido, que reflete a radicalização da política brasileira. Madonna estava onde sempre esteve, fazendo as mesmas coisas que sempre fez em seus shows, em todos os lugares.

Se ela representa a vanguarda artística mundial, com gestos ousados e mensagens a favor das minorias, especialmente as sexuais, é porque acredita nessa luta, refletida em suas músicas e coreografias críticas ao capitalismo selvagem que a elevou aos cumes da glória.

O recado  
explícito da  
cantora era  
outro, a favor  
das liberdades  
individuais,  
marca da  
sua carreira

O trabalho que vem desenvolvendo de resgate dos afetos pela aids nos últimos anos, homenageando seus amigos mortos e outros ídolos, brasileiros inclusive, é louvável. Sua música e suas encenações são ações políticas, sem dúvida, mas não no sentido partidário. Confiar os milhões de pessoas que estiveram nas areias de Copacabana com potenciais esquerdistas, eleitores petistas a ser conquistados, é patético. Imaginar que quem não gostou ou se chocou com situações específicas do show é de direita e concorda com a tese demnôica é outra besteira.

Essa tese, aliás, limita o alcance da direita extremista, pois mesmo os que apoiam Bolsonaro não são majoritariamente adeptos de teorias extravagantes e retrógradas como essa. Difícil imaginar que os bolsonaristas com essas bobagens, convencerão alguém a votar em Bolsonaro por causa da Madonna, que não tem nada a ver com nossa polarização política.

Outro sinal de que a esquerda está perdida nesse novo mundo digital é a tese circulando entre eles de que não tem menor importância a falta de público na manifestação sindical de 1º de maio. Isso porque o que vale é a repercussão nas redes sociais, que foi grande. Também não importa que os comentários tenham sido, na maioria, críticos ao governo e aos sindicatos. O que importa, por essa tese, é que Lula liderou os debates políticos depois que deu apoio a Boulos, provocando a reação dos adversários e obrigando que se falasse nas eleições municipais.

Não importa, dizem, que algumas pesquisas de opinião deem vantagem ao prefeito Ricardo Nunes, que concorre à reeleição. O que importa é liderar os debates mesmo em minoria. É a velha máxima analógica: "Falem mal, mas falem de mim".

*Bukele dá mais um passo para transformar El Salvador em ditadura*

Seguindo roteiro de Chávez, populista aprovou no Congresso mecanismos que facilitam subverter Constituição

**N**ayib Bukele, presidente de El Salvador, conduz seu país paulatinamente a uma ditadura, trilhando o caminho aberto por autocratas como o venezuelano Hugo Chávez. Bukele acaba de aprovar no Congresso, sob seu controle, mudanças na Constituição que ampliam esse controle sobre o Legislativo. Juristas e opositoristas denunciam o pacote aprovado como um passo em direção a um "esquema ditatorial".

Como qualquer Constituição democrática, a de El Salvador tinha salvaguardas. Previa consulta popular sobre emendas aprovadas no Congresso, além de uma segunda votação por uma nova legislatura para que fossem promulgadas. Bukele, porém, achou-se no direito de atropelar essas normas e determinar que as emendas à Constituição podem ser feitas na mesma legislatura com apenas uma votação por três quartos dos deputados (45 de 60). Não é um patamar distinto do que vigora noutros países, mas em El Salvador as regras eram ou-

tras. E a mudança foi feita sob medida para seu partido Novas Ideias, que reúne 54 dos 60 deputados eleitos

A proposta de reforma constitucional de Bukele não estava na pauta da última sessão da legislatura passada, no final de abril. O projeto foi "dispensado de tramitação" e aprovado pela folgada maioria governista no Congresso. Bukele tem usado sem parcimônia esse mecanismo que permite aprovar leis de modo mais expedito.

Seu grande apoio popular se deve ao duro combate ao crime organizado. El Salvador chegou a ser o país mais violento do Hemisfério Sul, com 84,1 homicídios por 100 mil habitantes em 2016. No ano passado, último do primeiro mandato de Bukele, a taxa foi de 2,4, nível do Canadá. Para obter esse resultado, Bukele recorreu ao Congresso para decretar "estado de emergência" durante 30 dias em 2022. Suspendeu direitos constitucionais como liberdade de associação, privacidade nas comunicações, informação sobre o motivo de prisões na hora da detenção e obrigatoriedade de, em 72 horas, o pre-

so ser levado a um juiz. Esse "estado de emergência" passou a ser prorrogado sucessivamente. Também foi alterada a lei antiterrorismo para permitir a prisão de crianças a partir dos 12 anos.

Bukele aproveitou uma onda de assassinatos em 2022 para aprovar no Legislativo a virtual conversão do regime em estado de exceção. Um relatório da Human Rights Watch e da Cristosal, organização salvadoreña, revelou que, de março a novembro daquele ano, foram presas 58 mil pessoas, in-

As prisões em massa e a revogação de direitos reduziram os índices de criminalidade e elevaram a popularidade de Bukele. Como essa fórmula costuma ter um prazo de validade limitado, ele agora tenta conferir legitimidade a seu avesso sobre os Poderes. Não há registro de despotas que se convertem em democratas por vontade própria. A diplomacia do Brasil e dos demais países das Américas deveria fazer o possível para evitar mais esse retrocesso democrático no continente.

[illegible]